

A PONDERAÇÃO RESILIENTE NO DISCURSO DA PERSONAGEM “HAMLET”, DE WILLIAM SHAKESPEARE, COMO ELEMENTO DISRUPTOR DA AÇÃO DRAMÁTICA

[THE RESILIENT PONDERING IN THE SPEECH OF THE CHARACTER “HAMLET”, BY WILLIAM SHAKESPEARE, AS A DISRUPTIVE ELEMENT OF DRAMATIC ACTION]

JAIR PEREIRA DE OLIVEIRAⁱ

ORCID 0000-0002-2883-3157

Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura – Foz do Iguaçu, PR, Brasil

Resumo: O trabalho objetiva discutir de que forma a ação dramática da personagem “Hamlet”, de William Shakespeare, realiza-se no momento em que ela pondera sobre as possibilidades de agir-no-mundo. Essa ponderação se torna o elemento que transforma suas ações diante do mundo. Sendo assim, teremos como base de discussão a crítica feita por Harold Bloom sobre a tragédia. Além disso, discutiremos os princípios de resiliência, como força de intervenção reflexiva diante dos traumas existentes no sujeito “Hamlet”.

Palavras-chave: Personagem; resiliência; reflexão

Abstract: The work aims to discuss how the dramatic action of the character "Hamlet", William Shakespeare's play, establishes herself in the moment in which it considers about the possibilities of acting-in-the-world. This reflexive attitude becomes the element that transforms its actions before the world. Thus, we will have as a basis for our discussion the criticism made by Harold Bloom about the tragedy. In addition, we will discuss the principles of resilience as a reflexive intervention force in face of the traumas in "Hamlet" subject.

Keywords: Character; resilience; reflection

Introdução

Em um estudo sobre a personagem do teatro, Décio de Almeida Prado (1998, p. 85) alerta para uma importante teorização do problema de se desvendar o entendimento sobre o esquema da dinâmica que move o circuito de atuação da personagem, dividida em uma tripla delimitação: “o que a personagem revela sobre si mesma, o que faz, e o que os outros dizem a seu respeito” (PRADO, 1998, p. 85).

Em nosso trabalho discutiremos algumas questões referentes aos princípios que norteiam o conceito de resiliência. No intuito de descortinar de que maneira a linguagem, percebida no discurso da personagem Hamlet, da tragédia de William Shakespeare, pode ser entendida como a força que transforma suas ações através de um processo criativo, tendo o acontecimento como o eixo no qual surge tal mudança.

Portanto, seguiremos as duas primeiras vias observadas por Prado (1998), pois o que a personagem reflete sobre si mesma e suas ações subsequentes determinam o movimento da ação reflexiva.

A discussão orbitará em torno da mudança sensível que talvez não se limite dentro apenas do conceito de resiliência, em seu sentido positivo. Ou seja, de acordo com essas mudanças percebidas, a partir da análise das formulações reflexivas da personagem dramática, podemos ressignificar a definição do conceito de resiliência, no momento em que ele estiver sendo tratado no presente artigo. Isso para que possamos identificar uma prevalência da positividade e/ou negatividade da força resiliente em Hamlet.

De acordo com Cremasco (2018, p. 351 apud MIJOLLA-MELLOR, 2006, p. 168 e BERTRAND, 2006, p. 206), o termo resiliência possui diversas acepções, a depender da área de conhecimento no qual esteja sendo usado. Na Física o termo indica que existe a capacidade de um corpo em resistir a um choque e retornar ao seu estado anterior ou prosseguir seu desenvolvimento após um impacto.

No entanto, o conceito de resiliência discutido na crítica literária e teatral ainda é incipiente. Assim, desenvolveremos o estudo percorrendo o seguinte traçado dado pelo texto dramático: analisaremos a ação da personagem “Hamlet” como *locus* de observação sobre o funcionamento da resiliência. O foco estará direcionado para os momentos em

que a personagem pondera sobre as possibilidades de agir-no-mundo. Essa ponderação, veremos, torna-se o elemento que transforma suas ações diante do mundo.

Para Brandão (2009, p. 104 apud ASSIS, PESCE E AVANCI, 2006; CASTRO, 2005; LUTHAR, 1991; MARTINEAU, 2001; MASTEN, 2001; YUNES, 2006; entre outros), os traços de resiliência estão mais relacionados com situações desfavoráveis e não simplesmente como característica de personalidade. Ou seja, podemos considerar que, para a análise da tragédia *Hamlet*, nosso estudo seguirá esse princípio norteador: o acontecimento e seus desdobramentos são o que nos irá permitir esquadrihar a dinâmica do processo resiliente em Hamlet.

Enfatizamos que nossa análise é exploratória. Tomamos por empréstimo um conceito trabalhado pela psicologia positiva, mas que ainda é bastante recente na psicanálise. Nessa disciplina, a resiliência é discutida após o sujeito passar por um acontecimento traumático. (CABRAL; LEVANDOWSKI, 2013) Aqui, contribuimos para o debate do conceito, ao analisar, no decorrer deste estudo, o funcionamento das circunstâncias do trauma como um todo: o antes, o durante e o depois do evento traumático.

Assim, poderemos empreender um estudo do funcionamento das ações ponderadas pela personagem através de seu discurso. Isso constitui uma nova leitura para o segmento da crítica literária de viés psicanalítico. E, a partir dessa nova perspectiva, iremos construir um diálogo entre áreas do conhecimento distintas, mas que na análise literária (para elementos da literatura como personagem, por exemplo) o conceito em questão ainda não apresenta incidência significativa.

Inicialmente, ressaltamos que alguns aspectos do estudo são necessários serem abordados. Em primeiro lugar, veremos se a resiliência em Hamlet é ambivalente (positiva e/ou negativa). Isso para que possamos perceber o que torna suas reflexões um meio propulsor das suas ações. Ademais, não discutiremos as posturas de vida de Hamlet em seu sentido moral, se foi apropriado ou não a personagem ter tomado uma determinada atitude.

A leitura moral poderia não assegurar uma análise adequada acerca da complexidade dos acontecimentos e suas consequências para a personagem. Colocaremos em primeiro plano os mecanismos e os procedimentos usados na tragédia. Em seguida, a constituição da personagem com sua carga dramática. Tais caminhos trilhamos para não

incorrermos no erro de prender a interpretação em uma camisa de força de conteúdo moralista.

O segundo ponto que devemos destacar é que, ao buscarmos os fundamentos das ações práticas de Hamlet, possamos diferenciar as mudanças ocorridas durante o processo de evolução que se dá nas ações (“o que faz” a personagem) e nos discursos proferidos nos monólogos¹ (uma das facetas da personagem é “o que [ela] revela de si mesma”, conforme indica Prado (1998, p 85)).

Em terceiro lugar, avaliar como o acontecimento irá impulsionar Hamlet a uma mudança criativa. E, por conseguinte, quais acontecimentos fundam o problema de realização dos desejos subjetivos expressos no discurso-ação do protagonista. Os acontecimentos serão aqui dispostos por ordem de sequência. Essa seria uma maneira mais objetiva de demonstrar as mudanças na organização do pensamento e nas ações empreendidas por Hamlet.

Logo em seguida, buscaremos equacionar em quais circunstâncias a percepção subjetiva da personagem se articula com as possibilidades de significação de sua resiliência. Ou ainda, que seja uma forma primitiva de atribuir significados para acontecimentos dos quais a personagem faz parte. Assim, verificaremos se há uma intensificação ou apaziguamento de um dilema (vingança ou resignação) que se dispõe como cisma para Hamlet, que sempre está em litígio com seu entorno.

Portanto, nossa iniciativa se apresenta como fonte de ligação entre a crítica (analítica-prática) e a teoria (do conceito de resiliência na psicanálise, observadora e criativa) com o objetivo de aproximar ambas diante do desvendamento das possíveis resoluções da personagem dramática Hamlet.

O Conceito de Resiliência e Uma Discussão Preliminar Sobre Hamlet

Como dito acima, o conceito de resiliência provém da Física e, por conseguinte, passou a ser utilizado na psicanálise recentemente, ainda no século XX. Poderíamos tentar definir, em psicanálise, o conceito de resiliência como a capacidade de superação, comum

¹ Décio de Almeida Prado (1998, p. 85-86) conclui que existem exercícios de “prospecção interior” que se avizinham do “fluxo de consciência” do romance moderno, entre eles está o monólogo, um dos estamentos a ser analisados em nosso estudo, por entendermos que é no monólogo que Hamlet apresenta seus primeiros “sintomas” de mudança pós acontecimento.

a todo sujeito. Os desafios que surgem ao longo de nossa existência fabricam nossa capacidade resiliente. Ela se subordina à memória de um acontecimento significativo, que reverbera, inclusive, em nossa compreensão da própria vida e sobre o seu derradeiro fim (UNGARETTI, 2013, p. 65).

No caso do texto dramático aqui analisado, a resiliência funciona por uma provocação das circunstâncias em que se encontra Hamlet para que, em seguida, ele pondere sobre o que fazer. E através de seus monólogos, apaziguando ou provocando uma nova ação. Assim, portanto, a dinâmica resiliente se constitui.

Por isso, a objetividade da resiliência se desenvolve na capacidade de compreensão dos eventos, como processo de entendimento que Hamlet tem do acontecimento traumático. Essa capacidade invoca um deslocamento para uma mudança de vida. E, na mudança, criar um estado proativo no cerne da existência:

Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa, aquele que é designado quando se diz: pronto, chegou a hora; e o futuro e o passado do acontecimento só são julgados em função desse presente definitivo, do ponto de vista daquele que o encarna. Mas há, por outro lado, o futuro e o passado do acontecimento tomado em si mesmo, que esquiva todo presente porque está livre das limitações de um estado de coisas, sendo impessoal e pré-individual, neutro, nem geral nem particular, *eventum tantum...*; ou antes que não tem outro presente senão o do instante móvel que o representa, sempre desdobrado em passado-futuro, formando o que convém chamar de contra-efetuação. (DELEUZE, 2007, p. 154)

O acontecimento possui suas veredas no tempo. Ele possui correspondências com o tempo da existência (o presente), o tempo da memória (o passado) e o tempo das conjecturas (o futuro). Prender-se a um só desses tornaria o acontecimento um bloco monolítico. Assim, o acontecimento passaria a ser uma contingência.

Desse modo, não poderíamos entender as vinculações do acontecimento sem o “antes” (a origem do trauma) e o “depois” (as possíveis consequências de um trauma), o que criaria um vazio existencial no sujeito. Tanto as origens quanto as consequências dos eventos traumáticos e seu entorno temporal (passado-presente-futuro) são contributos para um avanço no conceito de resiliência, ao compreendermos que o trauma é um evento que retira o sujeito de um curso linear de vida.

No acontecimento com suas veredas no tempo é que surge uma compreensão da própria existência, correspondente às condições da própria vida em sua amplitude. Por isso, os deslocamentos em cada situação incômoda, em cada laço familiar que se esgarça,

é uma sucessão de condições para o fenômeno da mudança. Pois, a mudança é o dispositivo fundante do processo criativo de uma nova possibilidade de encarar a vida. É a existência cavalgando no dorso do tempo.

Portanto, o postulado reflexivo da resiliência pode ser a compreensão dos caminhos que a existência apresenta. É assim que se entrecruzam o discurso da personagem (entendido como o processo que se estende entre a expansividade do pensamento e a intervenção prática do indivíduo no mundo que o circunda) e as inquietações humanas em sua universalidade, conforme apresentaremos mais adiante no sentir-agir da personagem Hamlet.

Nesse estudo, iremos recorrer, também, ao espaço dos monólogos, aclarando o seu caráter sensível e diminuto, para efeito da significação do que é resiliência. Ao lado da análise dos monólogos de Hamlet, incursionaremos em direção ao acontecimento traumático, chave de abertura para desvendar as condições de sua formação subjetiva.

E, ainda, evidenciar como reverberou na personagem uma noção criativa de sua existência. Pois na existência poderemos perceber a potência de sua ponderação ou sua prudência momentânea. Ou seja, a mudança nas ações da personagem ao longo da ação dramática, veremos que está interligada com a ponderação de seu próprio discurso.

É a partir dessa visão que faremos um estudo da tragédia e suas correspondências com as intensidades que constituem a subjetividade do protagonista. É nesse âmbito, pertencente a expressão das suas afetações e percepções, que a noção de uma hermenêutica do acontecimento, conferido pela significação da resiliência, constitui-se como todo o processo criativo do sujeito em estabelecer para si parâmetros de novas resoluções para uma posterior intervenção criativa no mundo.

Sobre o conceito de resiliência, para se perceber os questionamentos e hipóteses que serão expostos em nosso trabalho, é necessário indicar que ele não se limita a uma simples definição. Simplificar a definição de resiliência é como comparar as nuances da vida sem as mutações pelas quais ela passa, de modo a tratá-la através de esquemas resumidos.

Os desdobramentos desse conceito podem ter efeitos no mapeamento das características discursivas da personagem, por meio das afetações e percepções, vistos aqui como definições do “sentir”, no qual cada sujeito está ligado às vicissitudes da vida.

Devemos observar que o conceito de resiliência, para o estudo analítico dessa personagem de ficção, é o suporte para verificar a organização de como se instrumentaliza as conjecturas ao qual o indivíduo (a personagem Hamlet), em vias de desagregação (um tornar-se “divíduo”), enreda-se em seus próprios pensamentos:

Eu também sou razoavelmente virtuoso. Ainda assim, posso acusar a mim mesmo de tais coisas que talvez fosse melhor minha mãe não me ter dado à luz. Sou arrogante, vingativo, ambicioso; com mais crimes na consciência do que pensamentos para concebê-los, imaginação para desenvolvê-los, tempo para executá-los. Que fazem indivíduos como eu rastejando entre o céu e a terra? (SHAKESPEARE, 2021, p. 69)

Por isso, nossa perspectiva em problematizar o conceito de resiliência é para considerar em que esse conceito se desdobra; quando o colocamos diante da ação-prática de Hamlet. Isso porque “a resiliência não é um processo estanque nem linear, visto que um indivíduo pode se apresentar como resiliente em determinada situação, mas posteriormente não o ser frente à outra.” (UNGARETTI, 2013, p. 64).

Consideramos a resiliência, desdobrada em uma hermenêutica, como o ponto fundamental e a chave de abertura para uma parcial compreensão das ações trágicas da personagem Hamlet. Dessa forma, nos acontecimentos está caracterizada uma subordinação do sujeito em uma série de práticas que, por vezes, não demandam uma reflexão mais apurada. E isso claramente não está representada na figura do herói trágico da peça.

É notável que as desordens emocionais que perturbam “o sujeito” Hamlet se devem mais a sua possível inaptidão para a própria ação prática violenta de intervenção no mundo. Antes mesmo de ser ou em detrimento de um trauma revestido de espectro de memória familiar. Essa leitura psicanalítica freudiana é amplamente difundida onde se estuda a psicologia dessa personagem.

Assim, nossa leitura consistirá em uma possibilidade de verificar o caráter provisório da desordem causadoras, para além e aquém do trauma, das perturbações em Hamlet. Ou seja, mostrar que a descoberta do assassinato do rei Hamlet pelo próprio irmão (em uma leitura religiosa proferida pela personagem, esse acontecimento tem como elemento fundamental a percepção de um aspecto voltado para a narrativa bíblica do primeiro grande assassinato, o de Abel por Caim), poderia reduzir a relação entre esses dois acontecimentos (um na esfera da mitologia hebraico-cristã; e, outra no âmbito da literatura já independente de visões e leituras do sagrado) (BLOOM, 2012).

Essa perspectiva desenvolvida por meio de comparação é interna à obra e encobre as sucessivas indagações levantadas pela personagem. Os diversos estratos que compõem a tessitura da personagem refletem a fragmentação do desespero e da possível loucura histriônica do protagonista da tragédia, conforme diz Auerbach (1971, p. 275).

Assim, não consta em nosso estudo a definição das ações de Hamlet como desviantes do consenso social, apresentados pelo discurso das personagens que o rodeiam, o terceiro elemento característico inscrito por Prado (1998). Assim, não faremos jogos hipotéticos sobre as rupturas ocorridas na existência atribulada de Hamlet, sem que se tenha uma definitiva motivação para as verdadeiras causas de sua angústia.

Por isso, entender cabalmente com um “antes” e um “depois” à descoberta do assassinato do seu pai como sendo o marco das desavenças entre o espírito e o pensamento de Hamlet poderia ser improdutivo. A distinção entre o pensamento e o espírito é destacada nos monólogos da personagem protagonista. Veremos essa disjunção mais adiante no que concerne nossa análise do texto de Shakespeare propriamente dito.

A Originalidade da Representação Dramática e a Ponderação do Próprio Discurso em Hamlet

Aqui, iremos apresentar de maneira sucinta um dos caminhos que pode ser trilhado para contextualizar o exame da expressão dramática, com sua importância para o pensamento responsável pela *anima* da linguagem empreendida na peça de Shakespeare.

O levantamento das questões que se referem à originalidade da representação de mudanças ocorridas no cerne do sujeito, a partir de ponderações sobre o próprio discurso, foi uma das observações apresentadas pelo crítico norte-americano Harold Bloom (2012) em sua obra “Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias”, no capítulo em que ele analisa esse fato literário na linguagem do texto dramático.

Segundo Bloom (2012), a construção dos monólogos efetuada pelo autor da obra teria três grandes influências. Tais influências seriam princípios regentes de uma continuidade de pensamento, baseada nas significações e interpretações do fantasma que intermedia os polos do Mesmo e do Outro em Hamlet.

A linguagem funcionaria como protorealização (a ação e sua anterior vinculação com o desejo) e interação diferenciadas por singularizações (essa confluência advinda da

ancestralidade que se transmite pela cultura para formar um *ethos* familiar comum). Tema que o estudo sobre a resiliência abarca (UNGARETTI, 2013, p. 64), porém com diversas variações, provenientes desse lance dialógico entre o “Mesmo” e o “Outro”.

A primeira, mas não a mais influente figura para a literatura de Shakespeare, foi Marlowe, seu concorrente e contemporâneo. O segundo teria sido Chaucer, de quem Shakespeare haveria retirado a fonte de sua originalidade, qual seja: a representação da mudança no cerne do sujeito por meio da linguagem expressiva. E, por último, a Bíblia inglesa. Ela seria uma espécie de norte para uma leitura que o bardo percebeu como sendo predominantemente de viés moralizante:

EXISTEM APENAS TRÊS INFLUÊNCIAS literárias significativas em Shakespeare: Marlowe, Chaucer e a Bíblia inglesa. Marlowe foi engolido por Shakespeare, como um peixinho por uma baleia, embora Marlowe tivesse um ressaibo forte o bastante para induzir Shakespeare a algumas alusões deturpadas. Podemos inferir que Marlowe tornou-se uma advertência para Shakespeare: o caminho a não seguir. Chaucer sugeriu a Shakespeare aquilo que se tornaria o principal recurso deste e, por fim, sua maior originalidade na representação de pessoas. A Bíblia inglesa exerceu um efeito ambíguo sobre o escritor que foi seu único rival na formação da retórica e da visão de todos os que lhe sucederam no idioma. O uso que Shakespeare faz da Bíblia de Genebra e da Bíblia dos Bispos, e das passagens bíblicas do Livro de Orações Comuns, não é um recurso à crença, mas à poesia. (BLOOM, 2012, p. 61)

Shakespeare tem em mente a leitura feita para um público comum, o povo. Esse último recebe a mensagem bíblica filtrada pela visão sacerdotal, concebendo essa leitura como uma crença. Para Bloom (2012) isso poderia ser sintoma de uma desleitura fraca da poesia, pois indicaria sempre um fechamento do texto em si. Não mais se supondo uma leitura dialética do ponto de vista das contradições discursivas que perpassam todo texto literário shakespereano.

Além disso, há uma questão de polissemia concernente ao ilimitado jogo de construção das forças que se empregam na expressividade da linguagem e sua recepção. A polissemia oferece sempre uma nova leitura em cada sujeito. O leitor tem suas diferentes suposições do que seria estar-no-mundo.

Há uma busca por um destaque mais enfático diante da variedade interpretativa durante a leitura. E isso está em conformidade com a constituição de uma identidade (a capacidade de saber e estar pertencente a um espaço simbólico e real, ao mesmo tempo) e as mudanças posteriores dessa constituição pelos indivíduos.

Bloom (2012) afirma que entre as personagens shakespearianas Hamlet seria o que apresenta essa força poética: a de conceber desleituras fortes, uma desconstrução do signo do texto a partir da implosão que é causada toda vez que o protagonista contempla a si mesmo, no espelho que lhe é oferecido pelo seu próprio discurso.

Em termos paradoxais, que outrora foram usados tanto por Schopenhauer quanto pela teoria crítica no século XX, Bloom (2012) percebe uma sensibilidade na finalidade da arte, enquanto força motriz de mudança no mundo. Ela é intermediada pelo sujeito e suas intervenções no espaço-tempo: a capacidade que a arte tem de, concomitantemente, manifestar os instintos no homem e apaziguá-los.

De modo análogo, isso vale para fazer uma leitura que congregue as diversas manifestações instintuais de Hamlet, perceptíveis em seu discurso. A chave de entendimento de seu trauma passaria pelo processo que confluirá no adestramento de seus desejos:

Oh, gigantescas legiões do céu! Oh, terra! Que
mais ainda?
Devo apelar ao inferno? Infâmia! Calma, calma, coração;
E vocês, meus nervos, não envelheçam de repente;
Me mantenham tranquilo. (*Levanta-se.*) Lembrar de ti!
Ah, pobre fantasma, enquanto a memória tiver um lugar
neste globo alterado. (*Toca a cabeça.*) Lembrar de ti!
Ouve, vou apagar da lousa da minha memória
Todas as anotações frívolas ou pretensiosas,
Todas as ideias dos livros, todas as imagens,
Todas as impressões passadas,
Copiadas pela minha juventude e observação.
No livro e no capítulo do meu cérebro
Viverá apenas o teu mandamento,
Sem mistura com qualquer matéria vil. Sim, pelo céu! (SHAKESPEARE, 2021, p. 38)

Talvez esse desejo se apresente na superfície do ser, na sua expressão, como uma pulsão pela morte. A percepção apresentada por Bloom (2012, p. 64) em seu estudo da tragédia em questão é a seguinte:

É lugar-comum da crítica afirmar que o Hamlet do ato V é um homem mudado: maduro em vez de juvenil, com certeza mais quieto, se não quietista; de algum modo, em maior harmonia com a divindade. Talvez a verdade seja que ele é, por fim, ele mesmo, não mais afligido pela lamentação e pela melancolia, pelo ciúme assassino e pelo ódio incessante. Certamente não é mais assombrado pelo espectro do pai. É possível que o desejo de vingança nele esteja diminuindo. Em todo o ato V, ele não menciona diretamente nem uma única vez o pai morto. (BLOOM, 2012, p. 64)

Tal é a ideia que centraliza a noção do forte componente de representação do homem em Hamlet que Bloom (2012) afirma que o discurso da personagem, animada por Shakespeare, influencia nossa capacidade em modelar “nossa psicologia dos motivos”. Ao que transparece, assim, a característica múltipla de perceber os acontecimentos em ações passadas e suas possíveis consequências. No momento quando se tenta resolver, na prática, um problema que se formou na memória.

É, pois, nessa assertiva que se percebe o grau de desvendamento parcial do humano. É não tentar procurar, com precisão insistente, em qual ponto da vida o seu agir teria o fundamento para a intervenção (uma criação) no mundo, porque a memória e a percepção dela são incompletas.

Nessa reconstrução do acontecimento da vida, através da memória, está fundado o possível motivo necessário para que o próprio indivíduo recupere, moderadamente, as causas que o levam a determinadas ações. E essa criação no discurso para esquadrihar o acontecimento, elencando as séries temporais do “antes” e o do “depois”, é uma notável intervenção criativa para as motivações no agir. Preencher o que falta na construção da memória é um ato criativo.

Ao passo que a insistência persiste, no caso de Hamlet, quando suas certezas estão a todo momento postas à prova, é necessário retomar a ideia de que uma intervenção prática ativa no liame da invenção requer um grau de prudência. Isso para não sucumbir ao desejo que o impulsiona à morte. Ou seja, a palavra central para construir a subjetivação (prática em que o sujeito ressignifica simbolicamente e experiencia o mundo ao seu redor) é a prudência:

Agora chega a hora maligna da noite,
Quando as campas se abrem, e o próprio inferno
Expira seu hálito mefítico no mundo.
Agora eu poderia beber sangue quente,
E perpetrar horrores de abalar o dia,
Se ele visse. Calma! Vamos à minha mãe.
Ó, coração, não esquece tua natureza; não deixa
Que a alma de Nero entre neste peito humano.
Que eu seja cruel, mas não desnaturado.
Minhas palavras serão punhais lançados sobre ela;
Mas meu punhal não sairá do coldre.
Que, neste momento, minha alma e minha língua sejam hipócritas;
Por mais que as minhas palavras transbordem em desacatos
Não permita, meu coração, que eu as transforme em atos. (SHAKESPEARE, 2021, p. 83)

Contudo, devemos sublinhar que na categoria do discurso expresso e representado na linguagem dramática podemos delimitar todo o processo pelo qual o sujeito Hamlet se transforma. Por isso, buscamos analisar a dinâmica dos motivos que fazem com que o ser tenha resistência. Portanto, as ponderações resilientes no discurso transformam a ação prática da personagem. Isso para ele não sucumbir ao trauma existente. Esse, portanto, é um modo de perceber a constituição do ser Hamlet resiliente.

Tendo observado de maneira esquemática essa abertura de interpretação das mudanças significativas concernentes ao sujeito Hamlet ocorrem a partir da percepção de si. Juntamente a isso, há também sua mudança proativa no momento em que ele pondera, tendo o discurso como o fio condutor.

Nesse ponto poderemos avançar no estudo e estabelecer em qual grau de mudança se apresenta a própria ação criativa. Em primeira instância, na personagem em reflexo no seu discurso. E em um segundo momento, analisar o circuito do pensamento da personagem quando subordinado ao acontecimento. Análise em que no pensamento apenas não se limita, mas só na linguagem se realiza.

Em Busca de uma Hermenêutica Sobre as Mudanças Resilientes em Hamlet

Iniciaremos essa parte do trabalho retomando o estudo realizado por Bloom (2012), em consonância com os aspectos referentes à imanência do texto dramático, por entendermos que seria mais adequado a utilização dessa base crítica para a nossa análise. Essa postura, de nossa parte, cabe ressaltar, conjuga-se com os preceitos experimentais levados a uma radicalidade do texto.

Pois, ao nosso ver, ler um texto é sempre uma tarefa de imersão. É estabelecer uma cartografia momentânea que, de certa maneira, é uma atividade necessária de ampliação da leitura. Ler é refazer percurso, é criar um novo espaço de reflexão de uma obra. E nessa virtualidade da leitura, a experimentação das sensibilidades suscitadas, uma espécie de catarse, é o que faz da linguagem do texto dramático o seu sentido de existir.

Quando lembramos da afirmação de Bloom (2012) sobre as influências de Shakespeare recebidas por uma “desleitura forte” de Marlowe, Chaucer e da Bíblia, é com a finalidade de observar como se formaram as etapas de construção do texto dramático. A realidade discursiva shakespeareana precede a essa realização da tragédia Hamlet.

Essa peça é uma criação especulativa de um mundo através da linguagem. Seu teor é resultado do modo como Shakespeare entendia sobre o papel dos sujeitos de poder. E, por isso, evidencia um limite para esse mundo. Assim, na força do discurso do Hamlet, o mundo criado na tragédia enfrenta seu limite.

Todas essas leituras concorrem para a construção da visão de que o discurso da personagem Hamlet empreende uma suposição do mundo e do homem baseada na autocrítica e no conhecimento de si. A partir desse processo se constituem momentos fundamentais ao longo da existência do protagonista da tragédia. Sendo assim, podemos, antes de tudo, verificar alguns desses princípios resilientes na própria peça e em seus elementos constituintes.

É amplamente conhecido o enredo da tragédia Hamlet. De forma sucinta, tentaremos sobre a peça em seus momentos mais sensíveis. Isso para que possamos analisar a forma como o discurso, sendo ponderado pela personagem, transforma-se em uma forma resiliente de equacionar afetos e percepções existenciais. As ações práticas resilientes de Hamlet fazem com que ele não se destrua e nem interfira no mundo de forma impensada.

De início, um fantasma começa a assombrar o reino da Dinamarca. O que para uma das personagens da peça indica um sinal de maus presságios, poderia soar como a memória projetando esses mesmos fantasmas. Ou seja, há uma diferença entre o que é visto e o que pode ser apenas projeção.

Esse fantasma, em seguida, surge para Hamlet e afirma que foi assassinado pelo irmão, que agora é casado com a rainha Gertrudes, mãe de Hamlet. Desde então, o jovem príncipe começa a planejar uma vingança contra o assassino de seu pai. Contudo, aí também se iniciam as dúvidas, especulações sobre os seus pensamentos, as consequências dos seus atos, as angústias sobre a sua existência e devaneios sobre a morte.

A partir desse acontecimento desagregador, o protagonista da tragédia utiliza sua engenhosidade, ao especular sua vingança pela morte de seu pai, distraindo aqueles que fazem parte de seu meio de convívio, fingindo uma loucura (AUERBACH, 1971, p. 275). Esse seria um modo a tornar seus planos imperceptíveis de serem domados.

Hamlet, pois, em monólogos, tenta capturar um sentido para suas ações e existência, até decidir sobre levar a cabo seu intuito primeiro, dar vazão à sua fúria e vingar a morte do pai. Basicamente, gira em torno disso o enredo da peça.

No ato I temos um Hamlet introspectivo. Ele ainda não se detém nas questões mais urgentes para seu espírito e pensamento. Sua vitalidade na linguagem direciona toda a aspereza em direção aos “desvirtuosismos” da carne (o desejo) e para a questão familiar. Pois, há rondando Hamlet o espectro (o fantasma) do pai, quando o príncipe ressalta os desejos de sua mãe com uma repulsa cortante. A esse trecho podemos caracterizá-lo como O monólogo dos desejos:

Oh, que esta carne tão, tão maculada, derretesse,
Explodisse e se evaporasse em neblina!
Oh, se o Todo-Poderoso não tivesse gravado
Um mandamento contra os que se suicidam.
Ó Deus, ó Deus! Como são enfadonhas, azedas ou rançosas,
Todas as práticas do mundo!
O tédio, ó nojo! Isto é um jardim abandonado, [...] (SHAKESPEARE, 2021, p. 23)

Conforme é possível perceber nos signos apresentados nesse monólogo, surgem indícios da já falada pulsão pela morte, ocasionada pela repulsa em relação à postura da mãe. Essa, fazia pouco tempo, havia enterrado o marido que tanto a amava. Ela, Gertrudes, agora deitava no leito de um homem, Claudio (tio do protagonista), que, segundo Hamlet, seria infinitamente inferior ao seu pai, nas virtudes e no caráter.

Percebemos que há ainda um intenso componente religioso e moral nesse monólogo. De tal sorte que se pode notar várias facetas dos sentimentos que são explorados pela personagem em vias de desagregação. Tais sentimentos foram condicionados pela cultura e sua correspondente religiosidade que deu origem à trama trágica.

Essa posição diante dos desejos “mundanos” e sua repulsa mostram uma perturbação em sua consciência. Hamlet percebe que há uma moral humana alijada dos princípios aos quais ele cultivava. E junto com essa repulsa há um intenso aspecto de ira no seu discurso. E isso irá gerar toda a percepção de uma realidade mais cruenta, por ver o mundo como um lugar alheio à sua concepção moralizante, baseada nessa visão fantasmática. Podemos dizer que essa visão seja uma “herança” deixada por seu pai.

É a partir da imagem construída culturalmente que Hamlet é esse “vassalo do seu nascimento” (SHAKESPEARE, 2021, p 28). Subordinado, evidentemente, a uma educação paternalista em dois sentidos: com a impressão deixada pelo rei em sua vida; e, por conseguinte, o espectro que o acompanha, pois vê seu pai em algumas situações.

Essa dupla figura do pai representa um aspecto de normatividade. Uma das primeiras tentativas de sair desse labirinto criado pelo próprio Hamlet é cogitar o suicídio. Pois, assim, daria fim a sua agonia por ter percebido o mundo como um “jardim” (do Éden?) “abandonado”.

A personagem Hamlet, pois, segue a linha daquilo que Bloom (2012) ressalta nas personagens shakespearianas sobre uma desleitura da Bíblia. A personagem, posteriormente, irá percebendo que não mais teria para si a totalidade das escolhas no mar revolto que o circunda. O processo que o faz desenvolver essa percepção é a ponderação pelo seu próprio discurso, sua resiliência. E, na mudança resiliente, ele descobre que pode não ter o controle do mundo, mas pode agir nele.

Os sentimentos de pulsão (pela morte) e repulsa (pelas práticas mundanas) se verificam em um mesmo espaço discursivo. Isso pode ser o indício de vários outros afetos e percepções coabitando os mesmos lugares no pensamento de Hamlet. Assim, pois, “Se amplia dentro dele o espaço reservado/ Pra alma e pra inteligência” (SHAKESPEARE, 2021, p. 28).

Nessa visão, devemos pontuar essa confluência de um maquinário do “sentir” altamente díspar, encaminhando o pensamento a uma violência, que resultará em uma inventividade que se percebe no signo da escolha ponderada. Portanto, nada em Hamlet é ação sem antes uma reflexão.

Na nossa perspectiva, a personagem Hamlet muda diametralmente o eixo de sua intervenção no mundo, em paralelo com o devir de suas escolhas. Em um envolvimento que se distingue na duplicidade de pensá-las. Uma invenção do agir no mundo, conforme percebemos no que vamos chamar de Monólogo da Existência. Esse lugar do discurso impele Hamlet a refletir sobre se deixar perecer ou não pelo mal da indiferença.

O protagonista sofre sequentes abalos. Esses são assimilados e calculados pela sua inteligência e ponderação resiliente. Esses solavancos da vida são percebidos no que Horácio define como imaginação, ao afirmar que nela qualquer um pode ser arrastado a cometer infinitudes de ousadias:

Aqui, como antes, nunca, com a ajuda de Deus,
Por mais estranha e singular que seja minha conduta –
Talvez, de agora em diante, eu tenha que
Adotar atitudes absurdas –. (SHAKESPEARE, 2021, p. 41)

Começamos a perceber o início de uma modificação nos pensamentos do protagonista. Logo tomará substância por meio de ações da personagem. Aqui está o embrião de sua metamorfose. Ele dispensa a memória afetiva de infância, representada em *anamnese* para, assim, destruí-la. É a busca por um esquecimento prudente, mas que não é extensivo ao acontecimento traumático.

A personagem torna o tempo de infância contingente para cerrá-lo. Mas não dispensa a memória na fase de seu sofrimento. Esse é um outro caminho para realizar o que estabeleceu como mandamento de vida, e não de vingança.

Há, portanto, uma simbiose entre o mandamento divino/sagrado (como princípio externo ao ser, uma imposição) e o desejo de vingança (um princípio que surge no âmago do ser internamente, mas provocado por uma ação externa), que Hamlet promete respeitar.

Mas, um mandamento (externo) não corresponde ao desejo (subjetivo), fazendo com que a personagem se situe em uma espécie de limbo de atuação, uma suspensão pelo agir insano. Eis que o divino desce à terra, quando o espectro de seu pai pede vingança. Ou seja, o princípio da queda do herói trágico estaria em uma mudança que não seria redentora para si, mas para o espectro de seu pai:

Ah, pobre fantasma, enquanto a memória tiver um lugar
Neste globo alterado. Lembrar de ti!
Ouve, vou apagar da lousa da minha memória
Todas as anotações frívolas ou pretensiosas,
Todas as ideias dos livros, todas as imagens,
Todas as impressões passadas,
Copiadas pela minha juventude e observação.
No livro e no capítulo do meu cérebro
Viverá apenas o teu mandamento. (SHAKESPEARE, 2021, p. 38)

Mais uma vez, notamos essas forças que se equivalem. Mas não surgem da mesma esfera de uma compreensão de si pela ponderação resiliente de seu discurso. Elas se situam no âmbito dos embates dialéticos em seu pensamento. Ou seja, a força resiliente é um processo pelo qual estão em discordância princípios positivos e negativos da consciência humana. E não apenas uma construção cultural dos princípios morais e religiosos na psicologia do sujeito Hamlet.

Passemos para análise das mudanças resilientes que se situam no discurso de Hamlet. No que chamaremos de monólogo da existência perceberemos que estão contidas as dúvidas que o afligem e que são referentes ao desconhecido.

A imaginação e a espiritualidade concorrem em um mesmo momento, fazendo criar uma linguagem representativa da hesitação na ação que ele busca, incessantemente, resolver. Matar ou matar-se?:

Ser ou não ser – eis a questão.
Será mais nobre sofrer na alma
Pedradas e flechadas do destino feroz
Ou pegar em armas contra o mar de angústias –
E, combatendo-o, dar-lhe fim?”. (SHAKESPEARE, 2021, p. 67)

Aparecem, então, as premissas que tanto atormentam o herói trágico: aceitar as dores da alma; ou, a ação violenta. São duas alternativas viáveis, mas ele, ainda, não consegue chegar a uma resolução. E isso lhe causa um breve sentimento de terror diante da morte, por questionar algo que para ele é desconhecido:

[...] Quem aguentaria fardos,
Gemendo e suando em uma vida servil,
Senão porque o terror de alguma coisa após a morte –
O país não descoberto, de cujos confins
Jamais voltou nenhum viajante – nos confunde a vontade,
Nos faz preferir e suportar os males que já temos,
A fugirmos pra outros que desconhecemos?
E assim a reflexão faz de todos nós covardes. (SHAKESPEARE, 2021, p. 67)

Percebemos, nesse trecho do monólogo, as possíveis razões pelas quais as perturbações no pensamento de Hamlet passam. Primeiro, o temor da morte, por ser esse um terreno desconhecido. Depois, o aparecimento da imagem do pai poderia lhe indicar algo grave próximo de acontecer.

Essa consciência de si, da sua existência, e a possível elucidação do assassinato de seu pai podem ser compreendidas como eventos que concorrem para uma condição de ponderação resiliente. Os eventos em si, com quebras na ordem natural das coisas, ganham contornos de situações adversas. Ou seja, essas são as condições pelas quais a resiliência apresenta seu funcionamento.

Por fim, a posterior interação da personagem com o mundo ao seu redor é o advento de uma consciência alcançada através da prudência resiliente em não realizar o intuito da

fantasmagoria paterna: a vingança. Contudo, a prudência, via ponderação discursiva, torna-se o aspecto resiliente para que ele não cometa o suicídio, nem a vingança em nome do pai. A morte de Cláudio só se sucede após este engendrar a morte de Hamlet, ao colocar veneno na espada do desafiante do príncipe.

Considerações Finais

Concluimos nossa análise das mudanças resilientes ocorridas durante o discurso implementado pela personagem Hamlet. Estamos cientes das variadas motivações ou dos acontecimentos que o levaram a criar uma nova postura em relação com o mundo. Sua postura vai se modificando e essa mudança acarreta em formas de sentir seus desejos.

Dessa forma, a ponderação sobre seu próprio discurso, tomando por eixo a prudência, fizeram com que ele não realizasse uma vingança ou cometesse suicídio. Mas antes, criticasse a sua existência, a sua presença no mundo. Mesmo sendo sua existência repleta de dores, sua intervenção no mundo foi constituída pela sua experiência em estar nele.

As reais mudanças, objetivamente, foram questionadas por Hamlet durante o decurso e o desenvolvimento de sua existência. Os indícios apresentados em nosso trabalho podem ser considerados como uma leitura analítica acerca da compreensão significativa em que o sujeito Hamlet entendeu a sua própria existência, ao ponderar seu discurso. Sua consciência em praticar ou não seus intuitos são delimitados pela sua condição resiliente.

As mudanças, tratadas e discutidas em nossa análise, mostram que é a partir das ponderações, pensadas com um grau limitado de prudência, sobre a expressão da linguagem, consegue-se protelar ou precipitar uma ação. Ou seja, tratando a própria existência como algo a ser pensado, para que toda intervenção seja o resultado de um questionamento prudente sobre e na vida.

Talvez, exemplarmente, a gradação expressiva da personagem Hamlet tenha a qualidade de mostrar que o trauma não é a ruptura do ordenamento nas faculdades do juízo em desavença com o mundo, ocorrido após um acontecimento específico contundente. Mas, é possível que seja a mola que aciona vários dispositivos (o pensar-agir) que foram constituídos a partir de acontecimentos de vida.

As atitudes da personagem Hamlet compreendem o seu ser-no-mundo. Sua característica como sujeito, em sua singularidade, é o encerramento de um ato como sendo a parte de uma existência. Essa existência que contornou as pulsões de morte e de vingança, que nunca foram realizadas, é uma demonstração da resiliência possível a partir de acontecimentos traumáticos sofridos por ele.

Por fim, nossa análise apresentou uma possibilidade de leitura do texto dramático shakespeariano, tomando por base o conceito de resiliência. Esse é ainda pouco explorado pela crítica literária de extração psicanalítica. Também avançamos na compreensão do conceito, ao sugerir que o funcionamento dele não deve apenas se limitar a tomar o trauma como o marco da condição resiliente do sujeito. Antes, as questões de temporalidade que rodeiam o evento traumático: o antes (passado), o instante (presente) e o depois (futuro) podem ser eficientes ao investigar a condição resiliente em uma subjetividade.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BRANDÃO, Juliana Mendanha. *Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, 2009.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CABRAL, Stela Araújo; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Resiliência e Psicanálise: aspectos teóricos e possibilidades de investigação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 16(1), p. 42-55, mar. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142013000100004>>. Acesso em: 14/02/2022.
- CREMASCO, Maria Virginia Filomena. Quando a resiliência pode ser uma aposta para a psicanálise: ampliações clínicas do trauma e do luto. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 50.2, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14/01/2022.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*, vol. 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM, 2021.

UNGARETTI, Mariana Steiger. Revisão literária sobre a relação de resiliência com conceitos psicanalíticos. *Diaphora Revista da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. v. 13. n. 1 p. 63-69, jan/jul 2013. Disponível em: <<http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/86>>. Acesso em: 10/08/2021.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In: _____; CÂNDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 81-102.

Recebido em 17/09/2021

Aceito em 13/12/2021

¹ **Jair Pereira de Oliveira** é Doutor em Literatura pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisador Associado ao Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura (CLAEC). Professor da rede pública de ensino na Paraíba. **E-mail:** jairdeoliveira2010@gmail.com